

## **TRABALHO, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE BURGUESA: UMA REFLEXÃO CRÍTICA**

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas.

Bruna Kélvia Alves de Oliveira<sup>1</sup>  
Vinicius Silva Zacarias<sup>2</sup>  
Paulo Henrique Barbosa Mateus<sup>3</sup>

### **RESUMO**

É incontestável a contemporaneidade das concepções marxistas. Definindo o trabalho como categoria fundante do ser social, bem como diferenciador do mesmo no que concerne ao meio em que habita, Marx introduz seu caráter alienante, evidenciando a necessária emancipação social. Em meio a tal contexto, discute-se, mediante o presente artigo, o papel assumido pela educação na perspectiva da formação humana, bem como o modo pelo qual esta deverá se efetivar no âmbito social. A metodologia do mesmo é de cunho teórico, tendo como autores de referências Marx, Engels, Lukács e Antunes. Diante dessa circunstância social, uma questão se faz evidente: qual será sua posição para com o capitalismo: utilizar-se-á de sua formação intelectual para perpetuar o modelo capitalista ou passará a configurá-la como ferramenta que irá de encontro ao paradigma referenciado? Ao longo deste, conclui-se que o complexo da educação só contribuirá de fato com a emancipação humana quando superar o capital.

**Palavras-chave:** Trabalho; Capital; Educação.

### **ABSTRACT**

Unquestionably the contemporaneousness Marxist conceptions. Defining the work as foundational category of social beings and differentiator the same with regard to the environment they dwells, Marx inserts its alienating character, showing the necessary social emancipation. Amidst the such a context, we discuss through this article, the role of education in the perspective of human formation, as well as the way in which it should be made effective in the social sphere. The methodology is the same theoretical nature having as authors of references Marx, Engels, Lukacs and Antunes. Given this social circumstance, a question is evident: what is your stance towards capitalism-will be used on intellectual training to perpetuate the capitalist model or will configure it as a tool that will meet the referenced paradigm? Throughout this, it is concluded that the complex education actually will only contribute to human emancipation overcome when the capital.

**Keywords:** Work; Capital; Education.

### **Introdução**

O presente artigo discute as formas tomadas pelo capital e aponta algumas das relações em que este empreende para sua reprodução, de modo a esconder a sua essência, uma vez que esta tem um caráter desumanizador. Em meio a tal contexto, seria realmente possível

---

<sup>1</sup> UFAL/EMO/HES

<sup>2</sup> UFAL/EMO/HES

<sup>3</sup> UFAL/LEPEL

sobrepular um sistema, em que a principal característica observável é justamente a exploração do homem pelo homem? Destacam-se as crises do Capitalismo e suas estratégias para garantir sua reprodução, pelas quais são reproduzidas formas perversas de uso irracional de recursos naturais e de relações de que possibilitam aprofundar o sobre trabalho; as reformas feitas expõem os limites desse modelo e mostram por si só que esse não conduz ao desenvolvimento social; Nessa direção cabe expressar:

Há pouco mais de uma década era decretada a morte do socialismo e a vitória definitiva do capitalismo. No entanto, a despeito da torcida de todos os capitalistas e burgueses, o capitalismo não só não está resolvendo os problemas da humanidade, como os está agravando de um modo extremamente brutal, colocando em risco a própria existência da espécie humana. Não se trata, porém, de defeitos, mas da própria essência do capitalismo (TONET, 2012, p.46).

É irrefutável o quão são atuais as teses desenvolvidas pelo filósofo alemão, Karl Marx, em consonância a Friedrich Engels; que essas evidenciam a necessidade de superação da sociedade capitalista, pela reprodução das relações sociais desumanizadoras e alienantes; assim, mesmo décadas após suas reflexões, na contemporaneidade de 2014, essas teses evidenciam a necessidade de superar as relações capitalistas, portanto são próprias e não se confundem com teses reformistas. Tal fato marca a superação da crença segundo a qual, com o término da União Soviética, juntamente com o derrocado prestígio do pós-modernismo, o marxismo passaria a categoria de ultrapassado, como assinalam Lessa e Tonet (2008). Ainda segundo (LESSA, 2008, p. 7-8), uma das várias justificativas para a atualidade da concepção de Marx, é a continuidade da crise pela qual o capital estaria configurado, como bem pontuam:

Ao contrário do que prometia [...], a vitória do neoliberalismo e das alternativas mais conservadoras não apenas não abriu para a humanidade um novo horizonte de prosperidade, mas também, ainda, está aprofundando os elementos estruturais da crise do capital. Isto coloca a humanidade, ainda com mais urgência que no passado, diante do dilema: capitalismo ou comunismo.

Na compreensão da linha de pensamento de Marx, o conceito de trabalho – a priori, considerado por Engels como o responsável pela criação do homem como tal o conhecemos – se faz necessário. Para sintetizar tal importância, Lessa (ibidem, p.17) afirma:

O único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza. Essa é a base

ineliminável do mundo dos homens. Sem a sua transformação, a reprodução da sociedade não seria possível.

Seria mediante o processo do trabalho que ocorreriam tais importantes transformações do meio, sendo decisivo na distinção do homem – cabe esclarecer que nem todas as atividades humanas serão tratadas, na visão marxista, como trabalho, sendo que para serem consideradas como tal, necessitariam vincularem-se as transformações do ambiente. Não teria sido outro, o sentido da abordagem feita por Ricardo Antunes, quando este afirma: “É a partir do trabalho em sua realização cotidiana que o ser social distingue-se de todas as formas pré-humanas” (ANTUNES, 2005, p. 67), sendo, por meio do mesmo, acarretada sua realização produtiva e reprodutiva. É evidente que o desenvolvimento histórico de uma civilização requer fatores além da própria transformação do ambiente em que se insere: “Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade [...]” (LESSA, 2008, p.17). Não obstante, prossegue o autor: “[...] mas a história dos homens é muito mais do que a sua reprodução biológica. A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não são biológicos, mas sociais.” (Ibidem)

Antunes, em seu livro *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho* (2005) demonstra como esse último, na visão de Marx, passa a categoria de necessário à existência do ser social, mediante o qual este se humanizaria:

No trabalho, o momento distinguidor, essencialmente separatório, é constituído pelo ato consciente que, no ser social, deixa de ser um mero epifenômeno da reprodução biológica. Ao pensar e refletir, ao externar sua consciência, o ser social se humaniza e se diferencia das formas anteriores do ser social. (ANTUNES, 2005, p. 67-68)

Ademais, o trabalho será posto na qualidade de fundamento do ser, visto constituir mecanismo de transformação da natureza, simultâneo ao modo pelo qual o próprio homem se modifica.

Para Marx, seria pelo trabalho que o homem se diferenciaria dos aspectos inerentes ao meio em que atua. Nesse mecanismo de distinção, enfatiza-se o processo de previa-ideação. Tal capacidade, por meio da qual o ser social determinará, previamente, o que fará com o objeto de trabalho – sendo designada por objetivação, estando a transformação da realidade, como consequência de sua ocorrência – é explicitada em *O Capital* – obra do aqui

referenciado filósofo – com a diferenciação feita entre o pior arquiteto e a melhor abelha, a qual fora muito bem elucidada por Lessa:

Marx entende por trabalho um tipo de atividade muito diferente daquela que podemos encontrar nas abelhas ou formigas. Nessas, a organização das atividades e sua execução são determinadas geneticamente e, por isso, não servem de fundamento para o desenvolvimento desses insetos [...]. Entre os homens, a transformação da natureza é um processo muito diferente das ações das abelhas e formigas. Em primeiro lugar, porque a ação e seu resultado são sempre projetados na consciência antes de serem construídos na prática. É essa capacidade de idear [...] antes de objetivar [...] que funda, para Marx, *a diferença do homem em relação à natureza, a evolução humana*. (LESSA, 2008, p. 18, grifo nosso)

Como demonstrado, o trabalho marca a conspícua distinção existente entre o mundo dos homens com o da natureza, fazendo, portanto, com que as leis que regem uma sociedade, sejam antagônicas às que vigoram no meio natural: “A partir do trabalho o ser humano se faz diferente da natureza, se faz um autentico ser social, com leis de desenvolvimento histórico completamente distintas das leis que regem os processos naturais” (LESSA, 2008, p. 17); seria a capacidade de trabalhar, o fator “[...] que distingue os humanos de todos os outros animais [...]”(LESSA, 2012, p. 9).

No que concerne ao comentado processo da objetivação e ainda relevando as declarações feitas por Sergio Lessa, destacamos:

Ao transformar a natureza nos meios de produção [...] ou nos meios de subsistência [...], os homens também produzem novas possibilidades e novas necessidades. Tais necessidades e possibilidades impulsionam o desenvolvimento tanto da sociedade quanto dos indivíduos que a compõem. A história da humanidade é esse processo de desenvolvimento da sociedade e dos seus indivíduos. (Ibidem)

Seria mediante a prévia-ideação, portanto, que se promoveria o desenvolvimento humano, bem como da própria sociedade – dado o caráter social em que o objeto do trabalho encontra-se envolto (assim como explicado a frente) –, pois transformando o meio, e, conseqüentemente, modificando a si mesmo, o homem adquirirá novos conhecimentos e habilidades. Essa circunstância acarretará, como deveras explicitado na citação acima evidenciada, novas necessidades e possibilidades a atendê-las, impulsionando

[...] o indivíduo a novas prévias-ideações, a novos projetos e, em seguida, a novas objetivações. Estas, por sua vez, darão origem a novas situações que

farão surgir novas necessidades e possibilidades de objetivação, e assim por diante. (LESSA, 2008, p. 20)

Assim como comentado, é possível inferir, respaldado em considerações marxista e tendo por base o resultante da ação metabólica do ser social com o meio, que: “O objeto construído pelo trabalho do indivíduo possui [...] sempre segundo Marx, uma ineliminável dimensão social: ele tem por base a história passada; faz parte da vida da sociedade; faz parte da história dos homens de um modo geral” (LESSA, 2008, p. 24). Tal afirmação tem por base o fato de tudo que é objetivado – concebido, portanto, no ideário antes da efetivação –, faz parte da história do ser social, influenciando-a, ao mesmo tempo em que sofre influência.

Como fora comentado anteriormente, o trabalho propicia uma dupla transformação.

Se:

[...] Por um lado, o próprio homem que trabalha, é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza; “desenvolve as potências nela ocultas” e subordina as forças da natureza “ao seu próprio poder”. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, em matérias-primas etc. (LUKÁCS, 1978, p. 16)

Antunes evidencia a consequência de tal caráter transformador dualístico: “Esse processo de transformação recíproca faz com que o trabalho social se converta em elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana” (ANTUNES, 2005, p. 68). Seria justificável, tendo por base a citada afirmação, o trabalho como condicionador para a formação de uma sociedade.

Quando se objetiva compreender o marxismo, tendo por foco o trabalho humano, é primordial relevar o antagonismo que Marx fez quanto ao que chamou de *work* e *labour* – trabalho em seu sentido concreto e abstrato, respectivamente. Como expressa o filósofo:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor das mercadorias. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso. (MARX, 1983, p. 53)

Enquanto o concreto se configuraria como sendo o caráter útil do trabalho, por meio do qual se instauraria os bens sociais – nas palavras de Antunes: “[...] dotado de positividade, é por isso uma expressão mais aproximada da dimensão concreta do trabalho, que cria valores socialmente úteis e necessários” (ANTUNES, 2005, p. 73 – 74) –; o trabalho em seu aspecto

abstrato seria o momento em que se verificaria o dispêndio da força produtiva do homem. Para o autor aqui referenciado, tal aspecto de trabalho: “[...] expressa a dimensão cotidiana do trabalho sob a vigência do capitalismo, aproximando-se mais da dimensão abstrata do trabalho, do trabalho alienado e desprovido de sentimento humano e social (Ibidem). Tratar-se-ia da situação

[...] em que desaparecem as diferentes formas de trabalho concreto, que, segundo Marx, reduzem-se a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato. Nesse último caso, trata-se de uma produção voltada para o mundo das mercadorias e da valorização do capital. O trabalho encontra-se envolto em relações capitalistas, que alteram em grande medida seu sentido histórico original. (Ibidem, p. 69)

O trabalho passará a ser mais que fundante do ser social, condição para sua existência, tornar-se-á assalariado, assumindo, como evidenciado, a forma de alienado. Por conseguinte,

Aquilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho – transfigura-se e se transforma. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem a ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital. (Ibidem)

Nos Manuscritos econômico-filosóficos, Marx afirma que “o trabalhador [em meio a uma sociedade em que vigora o modo de produção capitalista] baixa à condição de mercadoria” (MARX. 2004, p.79 e 85), tornando-se “um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual” (Ibidem).

Como evidenciado, o trabalho alienado separará a visão de mundo em duas perspectivas: a do trabalhador – que enxergará o trabalho como meio necessário para garantir sua sobrevivência, bem como de sua família – e a do capitalista – que vê no proletariado, a ferramenta de propulsão para o capital –; ou seja, o trabalho instaurado em uma sociedade em que vigoram as leis de mercado, faz com que haja o surgimento de empasses entre duas classes apenas: a que oprime e a que é oprimida, diferentemente dos demais períodos históricos, bem como pontuam Marx e Engels, em O Manifesto Comunista:

Nos primeiros tempos da história, por quase toda parte, encontramos uma disposição complexa da sociedade, em várias classes, uma variada gradação de níveis sociais. [...]

A sociedade burguesa moderna [...] não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas.

Nossa época [...] distingue-se, contudo, por simplificar os antagonismos de classes. A sociedade se divide cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: burguesia e proletariado. (MARX, 1998, p.9-10)

Na atual perspectiva social, haveria a possibilidade de extinguir a exploração do homem pelo homem, ou o modo de produção capitalista de fato estabeleceu raízes permanentes?

Assim como afirmado na obra *Educação para além do capital*, de István Mészáros: “O objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a *emancipação humana*.” (MÉSZÁROS, 2008, p.15, grifo nosso). Nos tópicos subsequentes, procuraremos evidenciar o papel da educação nesse processo emancipatório. Vale considerar, de antemão, que o autor a concebe como a solução para a questão abordada nesse artigo: “[...] educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É *construir, libertar* o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal [...]” (Ibidem, p. 13, grifo nosso); [...] educar para além do capital implica pensar uma sociedade para além do capital.” (Ibidem)

### **Qual a função essencial da educação?**

Todos os aspectos vigorantes em uma sociedade surgem respaldados em uma determinada finalidade. Tal constatação constitui generalidade, sendo que a educação não se configuraria como exceção à regra – caracterizando-se, ao longo de seu desenvolvimento histórico, como alvo de interesses particulares, considerando o contexto civilizacional do momento. Nessa perspectiva, pensar no complexo educacional será refleti-lo como sendo originário do mesmo processo fundante do ser social, o trabalho: “Pode-se mesmo afirmar que é uma dimensão ineliminável [a educação], indissociável do ser, assim como o é a categoria trabalho, *motor inicial do processo educativo*.” (SANTOS, 2008, p. 39-40, grifo nosso)

Assim como abordado no início do presente artigo, nas considerações marxistas: [...] o trabalho é considerado o ato fundante do ser social, porque é por meio dele que se dá o salto do ser natural ao ser social e *são produzidos os bens materiais necessários á vida humana* (MARX, s/d, grifo nosso).

Se considerarmos que a educação tem origem no trabalho e que surge simultaneamente a ele, como sendo essa a natureza ontológica da educação, significa dizer que sua função social é exercida em qualquer que seja a forma de sociabilidade, isto é, a natureza essencial da atividade educativa incide em contribuir para que o indivíduo se construa como membro do gênero humano e se torne capaz de reagir face ao novo de um modo que contribua para a reprodução e transformação do ser social. Lukács é ainda mais objetivo quando fala sobre a essência da educação. Para ele, “a sua essência consiste em influenciar os homens a fim de que, frente às novas alternativas da vida, reajam no modo socialmente desejado” (LUKÁCS, 1981b, p. xxii).

Fazendo uma análise da perspectiva histórica a fim de exemplificar essa mediação da educação e, devido ao caráter de artigo, correndo o risco de sermos esquemáticos, podemos afirmar que no período primitivo o homem já vivenciava uma educação prática, levando em consideração suas necessidades de sobrevivência. A educação nesta fase torna-se o instrumento central para a existência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura. Nesta sociedade não havia uma escola ou espaço formal de ensino, porém o conhecimento era compartilhado através da prática e da vivência diárias entre os indivíduos em um processo educativo informal.

No período Homérico (XII ao VIII a.C.), “[...] a educação visava a formação do nobre guerreiro, cujas virtudes eram a coragem, a prudência, a lealdade, a hospitalidade, a honra, a glória e o desafio à morte” (COSTA, 1995, p. 64). Teria sido nesse momento histórico, na explicitação feita por Manacorda (1992), onde originaria a distinção entre dominantes e dominados.

Na Grécia clássica, principalmente no que concerne a Esparta, é conspícua a educação pública, de caráter obrigatório e estritamente militar, na qual observamos que: “O ideal pedagógico consistia no cultivo das virtudes guerreiras, distanciando o conceito moderno de instrução. O importante era a capacidade de comandar e produzir a obediência” (Ibidem).

No que tange a Atenas, a educação estaria incumbida da formação física e intelectual dos cidadãos da pólis. Nesse momento, a atuação, embora amplamente criticada por Sócrates – cujo método educacional se baseava na *ironia* e na *maiêutica* –, dos designados *sofistas* (calcados na retórica) é evidente.

Saltando-se a história, já na Idade Média, os paradigmas educacionais configuram o homem como criatura divina, ficando o modelo de ensino a cargo do clero, cuja ação pregava

uma visão de mundo teocêntrica, respaldando as concordâncias entre a razão e a fé com métodos rigorosos e formais.

No período do Renascimento, situado na transição do feudalismo para o capitalismo, ocorre uma transformação nessa visão. O movimento conhecido como Humanismo, esforça-se para superar o teocentrismo, enfatizando os valores antropocêntricos. Acentua-se a busca pela individualidade do homem, do poder da razão e do espírito de liberdade crítica, em oposição ao princípio da autoridade. A educação renascentista era elitista, visava preparar os clérigos e a nobreza, excluindo as camadas populares da sociedade.

Mediante tais considerações, notamos o que fora afirmado no início do tópico: a educação reflete o interesse das classes dominantes, divergindo apenas no período considerado. A educação enquanto mediadora está presente em todos os indivíduos, ela,

É uma condição inerente ao processo de trabalho, e por isso constitui-se como uma condição ineliminável da reprodução social. Deste modo, todos os homens têm acesso à educação, do contrário não seriam seres sociais. Todos têm acesso à educação, mas não à mesma educação. Em um dado momento do processo histórico-social, a educação de universalizada passa a ser particularizada. (MACENO, 2011, p. 52)

A passagem da Idade Moderna para a Idade Contemporânea é marcada por importantes revoluções, dentre elas a Revolução Industrial. Esta se caracterizou pela utilização da energia a vapor, produção em grandes fábricas e trabalho assalariado. Este contexto solidificou o poder da burguesia na sociedade contemporânea, caracterizando uma fase da história da humanidade na qual a produção industrial ganhou grande incremento e junto com ela veio uma forte exploração do trabalho em favor do lucro.

No modelo em questão “o trabalhador era considerado uma simples peça de uma imensa engrenagem, devendo executar praticamente a mesma tarefa durante todo o seu tempo de trabalho” (TONET, 1998) e a educação tinha como propósito apenas preparar os indivíduos para o exercício de sua profissão.

Então, após observar como se deu a história da educação, poderíamos perguntar: este conceito de educação não estaria sendo utilizado de forma limitada ou seria ele, efetivamente, aceito como sinônimo de formação humana? Será este tipo de educação a melhor forma de apontar o horizonte da humanidade?

Nesse contexto, Ariovaldo Santo pontua, precipuamente, a necessidade de relevar a educação voltada para o sentido amplo do termo, configurada como método de aprendizagem, através da qual se promoveria a interação do indivíduo ao meio em que se insere:

[...] observa-se [...] que o ponto de partida [para a análise educacional] é o reconhecimento do caráter amplo da educação, que geralmente é tratada apenas em sua dimensão mais restrita, ou seja, enquanto processo formal que transcorre no interior de uma instituição criada para tal. Resgatada em sua dimensão mais ampla, concebe-se que educação, entendida como aprendizado pelo qual o ser social incorpora certos conhecimentos que lhe permitem compreender e agir sobre a realidade que o cerca, é um ato que marca a própria materialidade do homem. (SANTOS, 2008, p. 39)

### **Qual forma a educação assume na sociedade capitalista?**

No que tange o desenvolvimento da Educação no Brasil, a história desta segue a mesma linha de pensamento de todos os outros fenômenos sociais, o da adequação deles ao momento histórico vivido pela sociedade. Segundo Soares, “durante o Império, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, a escola elementar ainda era restrita aos filhos das elites.” (SOARES, 2004, p. 83). Ou seja, a educação estava restrita nas mãos da classe dominante, servindo como reforço da ideologia desta classe naquela época, com suas raízes no idealismo, na separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, segundo Lessa e Tonet, em *Introdução à filosofia de Marx* (2011), o primeiro é a “atividade organizadora do Estado, da política, de todas as formas de ideologia (filosofia, religião, artes etc.), que são complexos sociais necessários para as classes dominantes criarem e reproduzirem seu domínio sobre os trabalhadores” (p. 18). Neste momento, negar a educação para os escravos – ou oferecer o mínimo desta – era garantia de manter a monarquia no poder.

Este quadro foi mudando a partir do momento que o período monárquico entra em crise e a sociedade brasileira vai ingressando no modo de produção capitalista, essa ruptura gera uma nova necessidade de educação diferente do período anterior, agora a educação não fica mais restrita aos filhos das elites, a população em geral começa a ter acesso à educação pública, visto que nesse momento histórico,

[...] a homogeneização das mentes e dos corpos, bem como a sua adequação a esta nova ordem que privilegia este novo espaço, deviam ser promovidas. A educação, neste sentido, era o meio mais eficaz de promover essa "adequação" e essa homogeneização das mentes e dos corpos. Através dela, particularmente da educação escolar, era possível transmitir ao povo certos valores, como por exemplo, o da urbanidade, fazendo-o prevalecer, uma vez que o modo urbano de ser e de viver passou a ser o dominante num país quase que exclusivamente rural. (SOARES, 2004, p. 85).

Como a mudança no modo de produção, todas as esferas da sociedade passam por transformações, com a educação não poderia ser diferente. O papel desta agora é de preparar o homem rural em homem urbano, um homem que estivesse apto para aceitar as condições da sociedade capitalista. Para entrar de vez nesta nova ordem social, a classe dirigente precisou investir em mecanismos para superar a estagnação vivida no período imperial, como por exemplo, a mão de obra qualificada.

*Como, ingressar, efetivamente, nesta era do trabalho livre, numa sociedade constituída por uma população de maioria escrava ou saída do escravismo, uma população desqualificada profissionalmente pelos séculos de expropriação do conhecimento a que foi sujeita, uma população analfabeta e servil, em sua maioria?*

A solução buscada por esta nova classe dirigente situada geograficamente na Região Sul do Brasil foi, de um lado, a imigração de europeus e, de outro, a educação do povo. (Ibidem, p.86, grifo nosso)

A gênese da educação pública brasileira se deu em um momento de ruptura entre o sistema imperial e a instalação do sistema capitalista, no momento em que

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural. [...] (MARX, 1998, p. 44).

Para atingir tais objetivos, a burguesia utilizou-se da educação como meio de adequar a sociedade para o progresso, onde poderia inculcar na cabeça dos escolares a ideia de sociedade vigente. Sobre isso, Saviani se baseia em Althusser (s/d) e traz o conceito de Aparelho Ideológico de Estado, segundo ele, este conceito “deriva da tese segundo a qual ‘a ideologia tem uma existência material’. Isto significa dizer que a ideologia existe sempre radicada em práticas materiais reguladas por rituais materiais definidos por instituições materiais.” (SAVIANI, 2003, p. 24). Ainda segundo Saviani, enquanto Aparelho Ideológico do Estado,

[...] a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista. Para isso ela toma a si todas as crianças de todas as classes sociais e lhes inculca durante anos a fio de audiência obrigatória "saberes práticos" envolvidos na ideologia dominante. (Ibidem, p. 24-25).

A educação pública, apesar de atender as necessidades da classe dominante, na afirmação de sua ideologia perante a classe trabalhadora, também tem seu papel revolucionário, de superação das condições impostas pela burguesia. Freitas (s/d) nos deixa

claro isso quando se refere à escola capitalista enquanto espaço ambíguo de reprodução e transformação. Segundo este mesmo autor,

[...] o desafio da educação brasileira, na perspectiva socialista, consiste em contribuir com a formação de novas gerações capazes de decifrar e frear as políticas estatais de cunho populista, tecnicista, assistencialista, demagógico eleitoreiro, tornadas agentes de transformação social capazes de efetivar a educação popular em trincheira do processo indispensável de emancipação intelectual do proletariado. (FREITAS, 2012, p. 11)

Apesar de seu caráter revolucionário, não será a escola que liderará a revolução socialista, acreditar nisso, é afirmar que a educação é um processo abstrato do mundo, que não sofre influências diretas da ordem social vigente, que não atende as necessidades da burguesia. A escola só poderá verdadeiramente assumir seu papel revolucionário quando os meios de produção – tanto os ideológicos quanto os materiais – estiverem nas mãos da classe trabalhadora.

Na nossa sociedade burguesa, educação tem seu papel bem definido: formar uma reserva de mão de obra qualificada para assumir os postos de trabalho, mantendo a hegemonia do sistema econômico burguês. Segundo Ozmon: “na década de 1840, Marx criticou a educação das classes trabalhadoras das Inglaterra e da Alemanha como sendo um mecanismo paternalista usado pelas classes dominantes para produzir sujeitos dóceis e obedientes” (OZMON, 2004, p. 319). Mais de uma década se passou e ainda conseguimos ver resquícios do que Marx criticou presentes em nossas escolas. Apesar de termos evoluído as forças produtivas, durante todo esse tempo a educação pública não evoluiu no mesmo ritmo. Como pontuado por Maceno (s/d):

Há nas políticas educacionais uma ênfase na formação para o trabalho, contudo, a sua referência não é o trabalho rico e criador, mas sim o trabalho em seu cariz mais degradante, o assalariamento. Com efeito, há, por um lado, a redução do trabalho à sua forma abstrata, capitalista e, por outro lado, o rebaixamento da educação, dirigindo-a para a formação voltada ao trabalho em sua forma auto alienante. (p. 814)

Enquanto educadores comunistas, preocupados com uma educação para além do capital, devemos “apoiar com todas as suas forças a luta camponesa pela liberdade e pela terra; não se deter aí e ir mais longe, além de lutar por liberdade e por terra, lutar também pelo socialismo e pelo comunismo.” (FREITAS, s/d p. 14). E não só isso, devemos também “combater de forma dura as teorias neoliberais que sobejamente usam o método subjetivo

para negar o caráter objetivo das leis do desenvolvimento social e o papel imprescindível e decisivo dos explorados na construção da história da humanidade.” (ibidem). Para que assim, a educação pública possa resultar conforme Marx *apud* Ozmon (2004) na transformação dos objetivos individuais em objetivos públicos, da independência natural em liberdade espiritual e da força bruta em força ética. (p. 319).

A classe dominante não teme a educação, tanto é que sentiu a necessidade de torna-la pública, o que ela teme mesmo segundo Freitas (s/d) são

[...] os conteúdos insensíveis aos interesses da classe dominante e sensíveis às demandas da classe operária e aliados, ministrados nas escolas; eles temem a possibilidade de estreitamento da relação entre a patuleia, a escumalha, a chusma vil com a escola. Como antanho, permanece o medo cervical quanto à junção do marxismo com o povaréu, digo, com a classe mais humilde, oposta à classe opulenta: a burguesia. (p.15).

Não podemos esperar que a classe dominante nos dê condições enquanto professores de superarmos a mediocridade do ensino, pois, promover uma educação de qualidade para a classe trabalhadora, significaria a libertação do proletariado e resultaria na abolição da pobreza e do proletariado subjugado.

### **Considerações finais**

Tendo por intuito compreender o modo de produção capitalista, bem como estabelecer o vínculo existente entre o mesmo e as relações sociais, Marx investiga os fatores que permeiam a vida em sociedade, cuja ordem burguesa, em seu discurso, escondia as desigualdades e detinha estratégias para que sua essência não fosse revelada. Partindo das relações concretas, do solo da realidade social do século XIX, o filósofo respalda em seus estudos o que classifica como distinguidor do homem e o meio em que habita: o trabalho. Além de atribuir a este último, papel fundante do ser social, sendo condição para sua existência e humanização, demonstra como o processo que chamou de alienação converte-se em sua outra faceta, evidenciando o quão necessária é a emancipação da sociedade em relação ao capital – definindo, portanto, o comunismo como melhor modo de organização social. Em meio a tal circunstância, a educação, com caráter emancipatório será inviável no contexto capitalista em que surge o ensino. Desse modo, infere-se que a única forma de o complexo educacional contribuir para a libertação social será mediante uma ruptura radical do Capital.

## Referências

ANTUNES, Ricardo Luís Coltro, 1953- *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. - São Paulo: Boitempo, 2005.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2 Ed. rev. atual. São Paulo. Moderna, 1993.

COSTA, Marisa C. Vorraber. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

LESSA, Sérgio. **Introdução à filosofia de Marx**/ Sérgio Lessa, Ivo Tonet. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008. 128 p.

\_\_\_\_\_. **Proletariado e Sujeito Revolucionário**/ Sérgio Lessa, Ivo Tonet. – 1. Ed. – São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**/ Sérgio Lessa. –São Paulo: Cortez, 2007.

LUKÁCS, Georg. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem: temas de ciências humanas*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. II. Trabalho. In: *Per una Ontologia dell'essere sociale*. Roma: Riuniti, 1981a, p. 11-131. (Tradução Mimeogr. de Ivo Tonet, 145p.)

MACENO, Talvanes Eugenio. **Crise estrutural, política educacional e educação necessária ao capital em crise**

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011. Cap. 2, Educação, Formação e Trabalho; p. 41-63.

\_\_\_\_\_. **O Manifesto Comunista** / KarlMarx e Friedrich Engels; [tradução Maria Lucia Como]. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_\_. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

MACENO, Talvanes Eugenio. *Educação e Universalização no capitalismo* / Talvanes Eugenio Macedo. – São Paulo: Baraúna, 2011.

OZMON, Howard A. *Fundamentos filosóficos da Educação*. 6 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil*. 19 Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.  
SANTOS, Ariovaldo. Mundialização, educação e emancipação humana. In: *Educação e lutas de classes* / Paulino Jose Orso, Sebastiao Rodrigues Gonçalves, Valci Maria Mattos (organizadores) –1. Ed. – São Paulo: Expressao Popular, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da Educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 36 Ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SOARES, C. L. *Educação física: raízes europeias e Brasil*. 3. Ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SAMPAIO, Helena. *Ensino superior no Brasil*. O setor privado. Ed. Hucitec. São Paulo, 1999.

TONET, Ivo. *Sobre o Socialismo*. – 2. Ed. – São Paulo: Instituto Lukács, 2012. 46 p.

TONET, Ivo. *EDUCAÇÃO E CONCEPÇÕES DE SOCIEDADE*, Sao Paulo, 1998

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*; [tradução Isa Tavares]. – 2. Ed.- São Paulo: Boitempo, 2008. – (Mundo do trabalho)

VIDAL, Diana Gonçalves; FILHO, Luciano Mendes de Faria. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

GUEDES, Maria Denise. Educação e Formação Humana: a contribuição do pensamento de Marx para a análise da função da educação na sociedade capitalista contemporânea. s/d Disponível em: <[http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessao4/Maria\\_Denise\\_Guedes.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessao4/Maria_Denise_Guedes.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2014.

TONET, Ivo. Educação contra o capital: Instituto Lukács, 2012. Disponível em: <[http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/educacao\\_contra\\_o\\_capital.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/educacao_contra_o_capital.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2014.

<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/para-alunos-escola-serve-como-preparacao-para-o-mercado-de-trabalho-20110728.html>

CONCEIÇÃO, Maicon da. História da Educação. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/paulodavid980/histria-da-educacao-26413712>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

HISTORIA da educação. , Wikipédia, A Enciclopédia Livre, 2014. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_educac%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_educac%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em: 03 ago. 2014.

FREITAS, F. M. C. **Lenin: Educação e Consciência Social**. Comunidade Josef Stálin. s/d.